

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESCATOLOGIA CONTEMPORÂNEA SEGUNDO
O FUNDAMENTALISMO CRISTÃO
MOVIMENTO DOS IRMÃOS – INGLATERRA – SÉCULO XIX**

O conceito escatológico está presente tanto no imaginário leigo cristão quanto na estruturação teológica desde os primórdios originários desta religião e pode ser retrocedido à construção dos fundamentos da religião judaica¹. Entretanto, a partir do século XIX e primordialmente no século XX, a escatologia tomou certa forma secular². Esta secularização da escatologia é também produto de efeitos contraditórios, pois, como em primeiro momento os frutos humanísticos advindos da ilustração, do positivismo, da filosofia de Nietzsche e Sartre, entre outros, são percebidos sob a forma de distanciamento dos preceitos e preconceitos religiosos e seus efeitos práticos são claramente percebidos no cotidiano destes últimos séculos. O sentimento religioso, por sua vez, revestido de aparatos teóricos científicos e humanísticos, em nenhum momento perdeu sua penetração no seio da sociedade, proporcionando alento diante dos paradigmas impostos especialmente pelas estruturas capitalistas ocidentais. A intercessão entre estes opostos produzem nos grupos sociais (através de tradições, conceitos, sentimentos coletivos) percepções religiosas encapsuladas sob a forma de senso comum. Sendo assim, a escatologia contemporânea é um misto de sentimentos puramente religiosos que são percebidos de forma consciente, como também sentimento secular inconsciente que aflora diante da perplexidade dos fatos do cotidiano e da fragilidade humana³. Esta contradição humana reveste-se de caráter dialético, se de fato percebermos que “na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve”.⁴ Portanto, os conceitos religiosos, ainda que só estes, sem a necessidade de engajamento, são alicerces sociais que permeiam as mentalidades, ainda que não necessariamente produzam efetivamente partidários dos sistemas de religião.

O sentimento escatológico, assim como os demais temas essencialmente religiosos que foram gradualmente perdendo o referencial e respaldo intelectual a partir especialmente da

¹ WENSINCK, A.J. *The semitic new year and the origin of eschatology*. In: Acta Orientalia, 1. 1923, pp. 158-199.

² LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 449.

³ MAUSS, M. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.

⁴ CLIFFORD, G. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. pp. 67.

“era da ilustração” e do positivismo; foi paulatinamente absorvido e secularizado, ou seja, de fato a escatologia foi se adaptando e encontrando caminho em meio à onda humanística e posteriormente na “era pós-moderna”. Exemplos desta absorção são demonstrados através da profusão de manifestações artísticas, especialmente da filmografia e da literatura, nas quais os conceitos teológicos da escatologia são apresentados de forma quase que natural (como se as informações passadas fossem de domínio coletivo) e como a sociedade se apropria destes conceitos. Este sentimento apocalíptico (termo este que será melhor definido posteriormente) pode ser claramente exemplificado através comoção mundial diante do onze de setembro, momento este como sendo de pavor e perplexidade. Palavras como anticristo, “marca da besta”, milênio, provocam reações específicas e distinguem claramente a incorporação e apropriação destes termos na mentalidade contemporânea. Ainda que a escatologia e o apocalipse tenha se tornado sinônimo de angústia e medo⁵ e por vezes de mera curiosidade, seus efeitos podem ser determinantes, especialmente em sociedades protestantes cuja estrutura social ainda mantém marcas morais e religiosas indelévels, como os Estados Unidos da América. Como expressa Le Goff, “se rejeitarmos os credos religiosos, nem as explicações idealistas, nem o simplismo marxista das relações entre infra e superestrutura, conseguem esclarecer esta desconcertante realidade”.⁶

A escatologia segundo o Movimento dos Irmãos de Plymouth

Ao longo do desenvolvimento dogmático da teologia cristã desde o século I, a escatologia sempre esteve presente nas discussões teológicas. Entretanto, sob diversos aspectos, este tema oscilou em maior ou menor importância, ainda que o controle sistemático da produção teórica fosse sendo incrementando na medida em que a institucionalização da Igreja Católica se consolidava⁷. A noção escatológica se torna perigosa na medida em que destitui o homem do sentido de futuro ordenado e progressivo, pois a esperança do fim dos sofrimentos e das prisões limitantes da condição humana que serão em breve destituído e novo tempo será instaurado, quando tudo será novo⁸. Logo, a preocupação com o tempo presente se torna secundária diante da expectativa de dias melhores e perfeitos. Várias seitas surgiram a partir desta perspectiva, baseadas especialmente nas divisões de tempo forjadas ao longo de toda a história da cristandade. Esta noção de tempo histórico parte da premissa cristã de tempo linear, na qual a história tem o começo a partir da criação e segue seu rumo

⁵ LE GOFF, J. *Idades míticas*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 453.

⁶ Ibid. pp. 452.

⁷ Ibid. pp. 327.

⁸ Ibid.

conduzido diretamente por Deus de forma a alcançar o fim por Ele desejado, que consiste em seu reino eterno (sentido teleológico de História para a cristandade). A instauração deste reino se realiza com o fim dos tempos ou o fim da História. Porém, antes do fim, nova era de perfeição e felicidade se dará. Este tempo seria o milênio no qual o próprio Cristo regerá a Terra, e cujo reinado será perfeitamente justo e igualitário. O milênio, que Santo Agostinho compreendeu como uma representação da terrena Cidade Celestial⁹, representa o ideal cristão de justiça, paz, amor e todas as demais virtudes que são associadas à Cristo e que são o objetivo piedoso dos cristãos, os quais só serão plenamente realizados, segundo as seitas protestantes, durante este período. Diferentemente da ortodoxia católica e das protestantes históricas, nas quais estas etapas de perfeição só serão realizadas no próprio Céu ou Paraíso. E no caso da primeira propiciadas graças à purificação que se dá com passagem pelo purgatório.

Dentre as seitas que se voltaram para as questões escatológicas, com ênfase especial à questão do chilianismo¹⁰, uma em especial merece atenção devido a produção vultosa e sistemática com que se debruçou sobre este assunto, assim como a sua grande influência no meio acadêmico teológico contemporâneo. Este grupo é conhecido como o Movimento dos Irmãos de Plymouth. Este movimento se consolida na Inglaterra em princípios do século XIX, e é o produto de influências diversas, entre as quais se enquadram o Movimento Pietista germânico, os moravianos, John Wesley e o jesuíta Emmanuel Lanza¹¹. Muitos são os questionamentos deste grupo. Porém, dois se destacam entre os demais:

O primeiro consiste em considerações fundamentalistas acerca da institucionalização das igrejas desde a ruptura da cristandade com a era da chamada Igreja Primitiva (*Ecclesiae primitivae forma*), quando a hierarquização ainda não havia sido instituída. Não havia posições distintivas na Igreja. Ancião (presbítero) era sinônimo de bispo, e em nenhum momento estes possuíam primazia sobre os demais participantes do corpo eclesial, que a propósito era composto por todos (não havia conceitos de leigos e clérigos). Para eles, a única função do presbitério era a de supervisionar e apoiar o grupo em suas necessidades básicas, especialmente as espirituais. Porém, sem nenhuma função intercessora diante de Deus¹².

O segundo compreende a sistematização do tempo histórico através da elaboração de uma nova periodização temporal na qual a relação de Deus com a humanidade se realiza de forma característica em cada um dos períodos históricos¹³. Esta teorização passa a ser

⁹ AGOSTINHO. *De civitate Dei*, XXII, 30, 5.

¹⁰ MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 158-159.

¹¹ NEATBY, W.B. *A history of the Plymouth Brethren*. Londres: Tentmaker Publications, 1901.

¹² MACKAY, H.G. *Assembly distinctives*. Scarborough: Everyday publication, 1981.

¹³ LE GOFF, J. *Idades míticas*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 327.

concebida a partir do que os Irmãos chamaram de dispensações¹⁴. Cada dispensação possui estrutura própria de aliança entre Deus e os homens, sendo que em cada uma, regras e bênçãos específicas são determinadas, e o rompimento da regra, proporciona um castigo e força a passagem para uma nova era, com novas regras e bênçãos. As dispensações são divididas em sete: inocência, consciência, governo humano, patriarcal, lei, graça e milênio.

A era da inocência é a era de ouro da humanidade. Esta compreende a época na qual o homem vivia no Paraíso em perfeita harmonia com Deus. As bênçãos se revelavam através da comunhão direta entre Deus e o Homem e a perfeição da existência humana, sejam na sua imortalidade e saúde, seja no suprimento de todas as suas necessidades, tanto materiais e psicológicas, quanto espirituais. E uma só regra deveria ser seguida, não comer do fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. A desobediência implica em castigo, neste caso, o homem foi expulso do Paraíso, passou a depender do seu próprio trabalho para sua subsistência, tornou-se mortal e o pior de tudo, foi destituído da Graça de Deus.

Desde então, novas era se sucederam. O governo humano compreende o tempo desde Caím até Noé e o dilúvio. A dispensação patriarcal de Sem, passando por Abraão até Moisés. A era da Lei, desde Moisés até João Batista. E a era da Graça, a qual ainda persiste e vai desde a crucificação de Jesus Cristo e sua ressurreição até a sua volta à Terra, quando Satanás será preso, e o reino milenar de Jesus será instaurado, sendo está a última era antes do Fim dos Tempos, quando novos Céus e nova Terra serão criados e o Homem voltará a ter novamente a comunhão direta com o Pai¹⁵.

Para os Irmãos, a questão central do processo que se dá durante a era da Graça é a preparação para a próxima era. O principio básico dos Irmãos é seu fundamentalismo exclusivista em relação às Escrituras. Para eles, desde Gênesis até o Apocalipse, Deus escreve (ou melhor, inspira a escrita) o mesmo enredo, sem variação. Para eles a Bíblia contém um único foco, e este foco é Cristo. Assim sendo, não existe sombra de variação e nem é possível que existam equívocos, erros, contradições, influências, humanidades e outros fatores que possam corromper a verdade bíblica. Mais ainda, ainda que a Bíblia lance mão de recursos de figuras de linguagem, os temas tratados são exatos e reais. Portanto, as narrativas bíblicas de todos os livros canônicos são relativas a fatos e pessoas reais.

O fundamentalismo dos Irmãos precisa, então, explicar de forma satisfatória, a seu ver, o último livro do cânon: o Apocalipse. Visto que o mesmo possui representações relativas ao futuro e não pretéritas, e estas representações são todas expressas através de tipos e metáforas

¹⁴ MILLER, Andrew. *“Os irmãos” (Como são chamados)*. São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

¹⁵ Ibid.

proféticas. O trabalho de adequação da ortodoxia à profecia bíblica se torna um exercício teórico que exige embasamento teológico consistente¹⁶.

Como o conteúdo bíblico é único, todos os demais livros da Bíblia devem concordar e, principalmente, esclarecer o Apocalipse. Portanto, o estudo sistemático da Bíblia irá comprovar que os relatos futurísticos¹⁷ descritos no Apocalipse são precisos e se darão exatamente como estão escritos. A partir desta concepção é sistematizada a noção de arrebatamento¹⁸ (até então não encontrei nenhuma evidência da existência desta hipótese antes da sua formulação pelos Irmãos¹⁹). O arrebatamento seria o evento que precede o momento derradeiro da era da Graça no qual haverá a manifestação do Anticristo e com ele o início da Tribulação²⁰ de sete anos que antecede a instauração da nova era milenar. Para os Irmãos, a Igreja Verdadeira será removida fisicamente da Terra antes do início deste tempo de terror, desespero e morte. Assim sendo, o foco do cristão deve ser o de se preparar e não ser pego de surpresa por este evento de misericórdia que poupará todos os cristãos verdadeiros do sofrimento que virá para colocar a prova toda a humanidade. Andrew Miller descreve assim este evento:

O Senhor Jesus se levanta de Seu Trono, desce do céu, Ele próprio dá a palavra, a voz do arcanjo a transmite, e a trombeta soa. A imagem é militar. Como as tropas bem adestradas conhecem as ordens de seu comandante pelo toque da trombeta, assim o exército do Senhor responde imediatamente à Sua chamada. Todos os mortos em Cristo ressuscitarão, e todos os vivos serão transformados; e todos eles entrarão na nuvem e serão arrebatados juntos, para se reunir com o Senhor nos ares, e assim estarão para sempre com o Senhor.²¹

Este texto ilustra bem o sentimento propagado pelos Irmãos. Entretanto, ainda que este texto seja carregado de sentimento religioso escatológico, não é possível negar, ainda que de forma ambígua, que não haja uma sistematização teórica baseada em preceitos teológicos e, principalmente, seguindo os textos bíblicos. A produção teórica dos Irmãos não pode ser igualada ainda nos dias de hoje no meio protestante. E sua influência repercute nas mais diversas escolas teológicas e também no meio secular.

¹⁶ PICKERING, Henry. Chief men among the Brethren. Londres: Pickering & Inglis, 1918.

¹⁷ Importante lembrar que existem escolas de interpretação do Apocalipse que julgam que os relatos deste livro são relativos ao tempo da Igreja Primitiva e sua perseguição pelo Império Romano.

¹⁸ Conceito teológico que afirma que em determinado momento os cristãos (ou parte deles) serão retirados fisicamente e ainda vivos da Terra de forma instantânea, causando espanto e assombro aos que ficarem ainda no mundo.

¹⁹ Talvez o jesuíta Emmanuel Lancuza tenha elencado este conceito em seu livro “A vinda do Messias em majestade e glória”, mas ainda não foi possível constatar isto.

²⁰ Outro conceito teológico que determina um período de caos completo sobre Terra, com ondas de destruição causada por cataclismos e morte em massa dos seres humanos.

²¹ MILLER, Andrew. “Os irmãos” (*Como são chamados*). São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005. pp 162-163.

A secularização da escatologia

Escrituras, oráculos e profecias orais são comuns à maioria das religiões, que são as formas pelas quais as divindades manifestam a sua vontade e revelam os seus próprios segredos²². Este tipo de revelação para o grego antigo era conhecida como *apokalypsis*, termo este que significa somente “revelação”. Entretanto, o conceito de “apocalipse” atualmente é percebido como sinônimo de fim do mundo, impulsionado, de certa forma pela expansão dos armamentos nucleares e da guerra fria, fatos estes precedidos pelas duas grandes guerras mundiais. Entretanto, esta associação do termo apocalipse ao entendimento de fim do mundo se dá a partir do que Le Goff chama de laicização da escatologia²³.

Este processo de laicização pode ser representado, de certa forma, pela percepção contemporânea de ruptura constante com o passado próximo. Tanto mudanças no sentido *latu*, quanto no *strictu*. Seja nas revoluções dos séculos XIX e XX, seja nos protestos idealistas dos hippies ou da juventude francesa da década de 60. A mentalidade da mudança, da transgressão do *status quo*, da esperança em um mundo melhor, são reflexos dos preceitos inconscientes construídos a partir de fundamentos escatológicos, cujo essencial é a espera. E a espera por algo melhor. Segundo Marcelo Mauss, “Permitam-me assinalar um fenômeno, em relação ao qual precisamos dos vossos conhecimentos, cujo estudo é da maior urgência para nós e que supõe a totalidade do homem... a espera”²⁴.

A contribuição do Movimento dos Irmãos perpassa esta espera, mas vai além. Esta compreende algo que passa despercebido por este tipo de análise proposta por Le Goff, pois parece insuficiente para explicar a insistência dos credos religiosos em arrebatam contingentes cada vez mais expressivos de massas humanas. O que ainda é capaz de determinar os rumos políticos de nações em expressivo grau de desenvolvimento material e humano, como os Estados Unidos da América.

Os conceitos escatológicos básicos parecem, em primeiro momento, imperceptíveis quando analisamos os aspectos gerais das sociedades ocidentais, especialmente a americana. Entretanto, a reincidência de produções artísticas com alusões diretas à estes conceitos, permite-nos concluir que de alguma forma, a mentalidade religiosa associada ao Apocalipse está presente e faz parte da consciência de alguns grupos sociais que absorvem e consomem este tipo de mensagem. E estes grupos são representativos, ainda que latentes. Conforme Karl Mannheim percebeu, “A estrutura interior da mentalidade de um grupo, nunca pode ser

²² LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 438.

²³ *Ibid.* pp. 449.

²⁴ MAUSS, M. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.

apreendida tão claramente, como quando nos esforçamos por compreender a sua concepção de tempo, à luz das suas esperanças, aspirações e desígnios. Uma dada mentalidade não ordena apenas os acontecimentos que, à primeira vista, se apresentam como simples acumulação cronológica, adquirirão, deste ponto de vista, o caráter de destino”.²⁵ Portanto, a elucidação da influência da percepção escatológica fundamentalista pode representar a constatação da permeabilidade dos processos sociais contemporâneos, que se permitem ambíguos no seu processo de secularização, pois também não abandonam de vez o credo religioso, ainda que sem nenhuma forma de engajamento. Ou seja, o homem contemporâneo ocidental vive como ateu, mas ainda pensa como cristão e se entende como tal.

A teologia dispensacionalista e sua influência contemporânea

Comprovar a existência de influência direta entre a teologia dispensacionalista formulada pelo Movimento dos Irmãos e a escatologia contemporânea secularizada é o grande desafio a ser conquistado. De fato, as evidências são grandes. A profusão perceptível das características escatológicas da doutrina dos Irmãos nos meios de difusão da cultura secular demonstra que a difusão destes conceitos se deu de forma abrangente. Entretanto, se faz necessário a consolidação do fio condutor que explique o caminho seguido desde o fundamentalismo exacerbado deste grupo até a sua aceitação nos meios acadêmicos formais protestantes (não-fundamentalistas) e a posterior secularização destas doutrinas.

O caminho pode passar pelo movimento pentecostal, que absorveu rapidamente conceitos escatológicos que corroboravam sua interpretação teológica. Ou também pelo embate travado entre as correntes teológicas conservadoras e as influenciadas pelo “pós-modernismo”. Seja como for, o legado do Movimento dos Irmãos não deveria ser negligenciado, visto que direta ou indiretamente, as percepções escatológicas deste grupo ainda se fazem presente de forma considerável na cultura contemporânea.

Conclusão

Jacques Le Goff sugere que

“para o historiador, o estudo das escatologias torna mais urgente a tarefa de distinguir História e história, devir histórico e ciência histórica. No seu domínio próprio, a inteligibilidade científica da evolução das sociedades, o conceito de escatologia e os fenômenos escatológicos convidam o historiador a alargar as investigações e novas problemáticas históricas e a estudar esta porção ainda

²⁵ MANNHEIM, K. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 151.

virgem em grande parte, ou mal começada a decifrar, do domínio das mentalidades e dos sentimentos limitados por este conceito e estes fenômenos”.²⁶

Além disso,

“A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, a espera e sua variante religiosa, a esperança”.²⁷

Duas considerações são necessárias partindo destas citações: em primeiro lugar, mais de vinte anos se passaram desde que estas linhas foram escritas, e, talvez esta “virgindade” relativa ao estudo aprofundado acerca da escatologia já tenha sido rompida. E, em segundo lugar, o caminho aberto por Le Goff pode render frutos consideráveis para a historiografia contemporânea.

Entretanto, se faz necessário o aprofundamento da pesquisa acerca do peso de influência da escatologia cristã no mundo ocidental contemporâneo, especialmente no que tange a repercussão da teologia elaborada pelos Irmãos de Plymouth. Pouco ou quase nada se conhece deste grupo no Brasil. Entretanto, os reflexos escatológicos propagados pelos mesmos se fazem perceber de forma notória e incontestável.

O terreno se faz fértil. As fontes, ainda que de difícil acesso, existem. O arcabouço teórico é farto. Basta consolidar a pesquisa e se preparar para as adversidades.

²⁶ LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, 1. pp 452.

²⁷ *Ibid.* pp 453.

Autor: Marcelo Silva dos Santos

Instituição: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS

Grau Acadêmico: GRADUANDO EM HISTÓRIA

E-mail: professor@marcelo.santos.nom.br

GP: ORTODOXIAS E FUNDAMENTALISMOS – Prof. Arnaldo Huff Jr.

BIBLIOGRAFIA

LE GOFF, Jacques. “*Idades míticas*”. In: **ROMANO, Ruggeiro (editor).** *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 1.

LE GOFF, Jacques. “*Escatologia*”. In: **ROMANO, Ruggeiro (editor).** *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 1.

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

WENSINCK, Arent J. *The semitic new year and the origin of eschatology*. In: *Acta Orientalia*, 1. 1923.

MAUSS, Marcel. *Psychologie et sociologie*. In: *Journal de psychologie normale et pathologique*, XX: atualmente também in: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaires de France, 1924.

AGOSTINHO. *De civitate Dei*, XXII, 30, 5.

NEATBY, William B. *A history of the Plymouth Brethren*. Londres: Tentmaker Publications, 1901.

MACKAY, Harold G. *Assembly distinctives*. Scarborough: Everyday publication, 1981.

MILLER, Andrew. “*Os irmãos*” (*Como são chamados*). São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

PICKERING, Henry. *Chief men among the Brethren*. Londres: Pickering & Inglis, 1918.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.